



Nos confins de Lisboa

A CVR Lisboa encheu-se de brios e acolheu uma extensa delegação de embaixadores de 40 países representados entre nós. Entre provas de vinhos da região, o que ressaltou foi a visita a diversos locais de história patrimonial. Um evento que deixou bem expressa a potencialidade da região para juntar vinhos e cultura. À conversa com a EPICUR está o presidente da CVR Lisboa, Vasco d'Avillez.

◆◆◆◆ TEXTO EDUARDO MIRAGAIA FOTOS RODRIGO DE SOUZA

A Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa (CVR Lisboa) abarca, entre outras, zonas de vinho histórico, como Carcavelos, Colares e Bucelas. E não só de vinhos vive a região, onde o património é de grande riqueza e as histórias são imensas e eloquentes. Segundo os «arquivos», Charneco era um Vinho Bucelas, feito numa das zonas de Bucelas que se chama Charneca e que é um lugar na freguesia de Vila de Rei.

Mais tarde, o Marquês de Pombal interessou-se pelos vinhos de Bucelas e, dizem as lendas, mandou vir castas brancas da Alemanha, para serem plantadas em Bucelas, por achar que essa região teria maior aptidão para este tipo de uvas. Outros, mais nacionalistas, pretendem ao contrário, que teriam sido alguns cavaleiros teutónicos, os Cruzados, que, regressados da Terra Santa, via Lisboa, teriam levado para a Alemanha as castas brancas que encontraram aqui e, por isso, a Alemanha de hoje teria vinhos brancos tão bons.

O certo é que o Marquês de Pombal, quando foi para o exílio interno, em Pombal, teve a sua carruagem apedrejada em quase todas as vilas por onde passou, excepto na passagem por Bucelas, por as gentes dali lhe quererem mostrar gratidão pelas ajudas em melhorar os vinhos, o que significava benefício geral das condições de vida também para o povo.

A região produz não apenas o Arinto, mas outras castas brancas, designadamente a Esgana-Cão, também conhecida por Sercial, e a Rabo-de-Ovelha. Os vinhos brancos são frescos e secos, com um travo mineral na boca.

Estamos em presença de uma região vínica invulgar entre nós, rodeada de património histórico...

Claro que sim. Em princípio todas as Regiões Vitivinícolas são muito diferentes, umas das outras e, por isso mesmo, cada uma de per si é um caso especial e merecedor de destaque. No que se refere ao Património Histórico, a Região de Lisboa tem muito de particular, bastando para tal invocar o seu próprio nome.

Tudo o que de importante se passou em Portugal e esteve relacionado com a sua capital influenciou de maneira indelével a nossa região pois que se estende, toda ela, à volta da grande Lisboa. Este património histórico é tanto mais importante quanto é vastíssimo e se prende em muitos dos seus aspectos básicos com o vinho e os caminhos do vinho. No caso vertente estamos a falar da influência na nossa Cultura das Invasões Francesas e da resposta que se lhes deu através das Guerras Peninsulares, que se desenvolveram sobretudo em volta da região, nomeadamente nas Primeira e Terceira invasões e respectivas lutas.





Além do Forte de S. Vicente e da Capela da Serra do Socorro, vinhedos à vista, que outro património é de realçar?

Devemos realçar também os seguintes monumentos ou locais de visita obrigatória: a Igreja de S. Quintino, o Forte do Alqueidão (Sobral de Monte Agraço) e o Museu Leonel Trindade no Convento de Nossa Srª da Graça em Torres Vedras. Refiro também os Centros de Interpretação das Guerras Peninsulares em várias cidades e vilas, nomeadamente em Torres, em Bucelas, no Sobral de Monte Agraço, etc..

E não constituem, também, as vinhas um património?

Certamente que as vinhas são um património da mais alta importância. Welling-

ton apreciou bastante o vinho de Bucelas, entre outros. Na altura em que se estabeleceu o seu Quartel-General em Dois Portos, os portugueses trouxeram-lhe vinhas de Bucelas (Arinto) que transplantaram para as terras ao lado do Q. G. e, a partir dessa altura, passou o vinho de Bucelas, de que ele tanto gostava, a ser produzido em Dois Portos, entre outros locais na Quinta da Folgorosa, pois ficava mais perto do seu Q. G. e dos seus generais. Parece que existia um tinto, feito a partir de uvas colhidas de uma vinha na encosta da Serra do Socorro, mas não tenho a certeza.

Podemos falar num binómio vinho/património arquitectónico que atrai forasteiros? Nessa medida a CVRLisboa

desenvolve um trabalho específico. Como o pode balizar?

Boa pergunta! Não há dúvida que sim e este é um dos problemas dos seis municípios aonde se encontram as Linhas de Torres Vedras. Estão a trabalhar nesta área e está em curso um projecto para criar uma instituição, que irá promover as Linhas, tanto internamente como no exterior. O processo da declaração das Linhas como monumento nacional deverá estar concluído em breve. Penso que trabalhando em conjunto as entidades poderão atingir mais facilmente os seus objectivos.

Que estórias/histórias pode descrever sobre a região? E logo o Vasco que é um contador nato de histórias...

De facto, a Região tem muitas histórias ligadas às Invasões Francesas e às Guerras Peninsulares, nomeadamente tudo quanto na nossa Cultura se relaciona com a ideia de ser «para inglês ver» ou tudo quanto precisamos, sejam coisas grandes ou pequenas e que «cravamos». Os portugueses encarregues da resistência precisaram de tudo e não tinham quase nada. Então as Juntas Metropolitanas inventaram um espeto que tinha a cabeça chata e larga e impressas as armas de Portugal. De tudo o que precisavam fossem carros, casas, etc., iam lá e cravavam esse espeto o que era equivalente a uma expropriação! Quando era de gado que precisavam, para dar de comer à tropa, então o dono do gado era intimado a ir pôs os animais requisitados directamente no «prego». Com os vinhos passava-se o mesmo e houve algumas castas que vieram de França nessa altura e outras que foram daqui para lá ou para Espanha.

Não é invulgar uma região abarcar zonas tão características como Carcavelos, Colares e Bucelas?

Estas três zonas forneceram durante muitos anos vinhos para a Inglaterra e outros países europeus. A urbanização afectou as três, embora as vinhas ainda hoje continuem a produzir em quantidades limitadas. É de salientar este aspecto e outros tais como os de Colares terem sido escolhidos no tempo de D. Manuel I como os vinhos mais indicados para as viagens das Descobertas e os de Bucelas terem tido sucesso na Corte Inglesa, na época a seguir às Guerras Napoleónicas. Um mercado de nicho? Eu acrescentaria que não é invulgar que uma mesma região tenha alguma diversidade se se pensar que no Douro e no Porto coexistem vinhos diferentíssimos, ou que em Setúbal encontramos quer o Moscatel quer o Periquita, entre outros. ♦



Vasco d'Avillez
Vinhos de Lisboa
apostam no mercado
da exportação